

CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DE SABERES NA PRÁTICA EDUCACIONAL MARANHENSE A PARTIR DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS, ADULTAS E IDOSAS SIM, NÓS PODEMOS: RESISTÊNCIAS INSURGENTES EM INTERLOCUÇÃO COM A EDUCAÇÃO POPULAR

Daniilo Macruz Inácio¹

Resumo: No Maranhão, em 2015, Flávio Dino (PCdoB), assume o governo e implanta o Plano Mais IDH (PMI), que se propõe a elevar o índice. Na educação, Dino implementa o Sim, Eu Posso (SEP), programa de alfabetização de jovens, adultas e idosas (EJAI), em parceria com o MST. O PMI inicialmente foi implantado em 8 municípios maranhenses com os menores IDH do estado, sendo alguns deles os menores IDH do Brasil. A ideia principal é averiguar as ressonâncias costuradas do SEP com a Educação Popular, na intenção de analisar quais conquistas o programa de alfabetização galgou nestas cidades e suas implicações na educação escolarizada. Para se pensar uma metodologia outra, me visto dos pensamentos decoloniais em busca de construir narrativas contra hegemônicas, longe do raciocínio eurocêntrico (ORTIZ, 2018). Isso se dá no fazer político, engajado com as lutas sociais, que visam a quebra das opressões. Essa pesquisa está em transcurso no doutorado em educação, onde entrei como discente em 2021, no Proped/UERJ. Seu objetivo central é compreender as práticas elucidadas pela alfabetização na EJAI, com o método cubano, SEP, dentro do PMI e seus desdobramentos dentro da educação escolarizada, com o atravessamento da Educação Popular.

Palavras-chave: Educação Popular; EJAI; Sim, Eu Posso; Yo, Sí Puedo.

Justificativa

Em Cuba, nos anos de 2001, Fidel Castro, ainda preocupado com a erradicação do analfabetismo, convoca a equipe do IPLAC (Instituto Pedagógico Latino Americano e Caribenho) para desenvolver um método para alfabetização de jovens e adultas. Leonela Díaz, foi a coordenadora do processo de construção do Yo, Sí Puedo (YSP), que se internacionalizou para vários países da Abya Yala, e do mundo (POROLONICZAK, 2019).

O MST, desde 2006, foi convidado pelo IPLAC para realizar a aplicação do método de alfabetização de jovens e adultas no país. Essa parceria rendeu frutos que se espalharam pelo Brasil, fortalecendo a luta educacional já instaurada pelo MST desde sua fundação. A alfabetização, escolarizada e não-escolar, foram baluartes para as resistências insurgentes que

¹ Doutorando em Educação pela ProPEd - UERJ, Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Iniciado em 2021. Moro em Belo Horizonte/MG, Brasil, meus contatos são: dmi8487@gmail.com e @do.cu.riscado e zap 31.995.482.348

o movimento promove a caminho do bem viver. A construção de uma nova sociedade se dá com acesso à educação, o que fez o MST se propor a ter todas integrantes do movimento estudando. Isso constrói perspectivas de uma luta político-ideológica, juntamente com a luta de classe.

Desde o golpe de 2016 vivemos em um momento muito angustiante diante de tanta barbaridade que presenciamos na vida política e social do povo brasileiro. O próprio golpe articulado por uma complexa rede da direita política presente no país, integrando o vice presidente, que assume logo em seguida, com o candidato derrotado, além das antigas oligarquias regionais que ainda dominam algumas cidades do território, entre outras envolvidas.

Vimos “ladeira abaixo” desde então, com desconstrução de programas sociais, como Bolsa Família, Mais Médicos, Minha Casa Minha Vida, entre outros benefícios criados e desenvolvidos nos tempos de governos progressistas que tivemos com Lula e Dilma. Sabemos também de quase todas falhas que o governo do PT realizou, mas ainda assim, não podemos negar que o ar estava diferente.

Desde 2018 tudo piorou, a população brasileira, com um ódio ao PT, elegeu um necropresidente que está no poder até hoje, em 2021. Bolsonaro é a pior lembrança de quem viveu a ditadura, pois apresenta-se como militar, mas sabemos que é miliciano. Apoia a ditadura, vangloria um dos torturadores da Presidenta Dilma, tem posicionamentos extremamente homofóbicos, machistas, sexistas, racistas, entre tantos outros pensamentos opressores que não dá nem para descrever.

Ele não representa a direita política, pois ele está presidindo o país com pouca sabedoria de comando, com pouca perspicácia de políticas públicas, e a única coisa que está em sua mente, é sua família. E como sabemos ele cuida muito bem desta, onde todos são envolvidos com a corrupção, seus filhos, políticos também, controlam grupos armados e de lavagem de dinheiro, sendo que estão diretamente envolvidos com o assassinato brutal da Vereadora Marielle Franco.

No mesmo ano em que o Bolsonaro se elege, Flávio Dino se reelege como governador do estado do Maranhão. Além dele, as outras oito cadeiras de governadoras do nordeste são ocupadas por pensamentos mais progressistas, esquerda e centro esquerda. Dentre esses, sete são reeleitos, ou seja, estão desde 2015 no poder.

Isso é muito bem exemplificados quando, no início de 2019, todas as vencedoras da eleição de 2018, assumem seus postos e se reúnem para pensar o nordeste mais coletivamente integrado, construindo políticas públicas mais abrangentes e realizando compras coletivas, o que diminui gastos do dinheiro público.

O Consórcio Nordeste é um grande exemplo de união, mesmo sendo de partidos não totalmente alinhados quanto aos pensamentos e reflexões políticas, mas comungam com a oposição ao governo fascista de Bolsonaro. Com isso, para fazer frente a esta aberração política resolveram se unir para costurar este enfrentamento de uma forma que a população ficasse menos prejudicada.

Este Consórcio Nordeste fundou o C4-NE (Comitê Científico de Combate ao Coronavírus do Nordeste), que é uma central de informações e pesquisa sobre o COVID-19, dando à população um maior apoio para diminuição das mortes, indo contra o posicionamento do necropresidente que não propõe nenhuma ação sólida para esta guerra biológica, onde em meio ao caos que a pandemia proporciona a todas nós, o Ministério da Saúde mudou várias vezes de comando.

Dentre todas essas políticas construídas no Nordeste, escolhi o estado do Maranhão, com o governo de Flávio Dino do PCdoB, sendo o primeiro governador eleito no país por este partido. Em tempos de expansão do autoritarismo, expansão da direita a nível global, e de retrocessos vividos na Abya Yala, temos que nos apegar a algumas referências que ainda lutam por justiça social.

Dentro do governo do Flávio Dino podemos perceber grandes avanços sociais em um dos estados que chegou a ter o menor IDH do Brasil. Reforçando alguns programas e políticas que já aconteciam nas presidências petistas, Dino ampliou o acesso à educação com vários programas que estão sendo implantados e já apresentam resultados satisfatórios mas ainda podem galgar uma melhor abrangência, atingindo um maior número de pessoas e imbricando toda sua extensa geografia.

Dentro da Secretaria de Direitos Humanos e Participação Popular (SEDIHPOP) há o Mais IDH, um programa que visa elevar este índice do estado, que durante muitos anos foi assolado pela extrema pobreza.

Vamos mostrar alguns dados relativos ao estado do Maranhão com base no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, publicado pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), autarquia do Ministério da Economia. O último sendo publicado em 2019.

O IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) do Maranhão disputa com o de Alagoas, a última posição dentre os estados brasileiros. Este índice é baseado em três principais aspectos analisados no mundo inteiro: renda; expectativa de vida; e escolaridade, que resultam nos subíndices IDHM-E, IDHM-L e IDHM-R, respectivamente, educação, longevidade e renda.

O MA em 2016 estava com 0,682 e em 2017, ficando acima somente de Alagoas, com 0,687. Somente para título de comparação, o DF (Distrito Federal) em 2017 estava com 0,850. Já o IDHM-L o MA está em último com 0,764, significando uma expectativa de vida ao nascer de 70,85 anos. EM 2012 estava com 0,740.

No IDHM-R, o Maranhão também apresenta-se na última posição. Com 0,623, equivalendo a uma renda domiciliar *per capita* média de R\$ 387,34.

Vinte e três cidades do Maranhão estão entre as 100 cidades do Brasil com pior IDH, mas dentre as 200 cidades brasileiras com melhor IDH, nenhuma é maranhense. Dos 217 municípios, cerca de 140 possuem IDH baixo. Assim, enquanto o índice de extrema pobreza caiu para 6% no país, no Maranhão essa condição ainda atinge mais de 20% da população, ou seja, um em cada cinco maranhenses sobrevive com menos de R\$ 70 por mês. E, pior, cerca de 60% dos domicílios maranhenses encontram-se em algum nível de insegurança alimentar. (MARANHÃO, 2020).

O IDHM-E onde o Maranhão logra um melhor posicionamento se colocando em 20º lugar, dos 27, com 0,609 em 2012 para 0,682 em 2017. Sendo São Paulo o maior com 0,828 em 2017 (IPEA,2019).

Diante desta realidade o governo decide implantar o Mais IDH focando nos 30 municípios com menor índice do estado. Cumprindo o objetivo de reduzir a extrema pobreza e as desigualdades sociais, tanto nas cidades como no campo, através do desenvolvimento territorial sustentável e das seguintes diretrizes:

- Integração das políticas públicas com base no planejamento territorial;
- Ampliação dos mecanismos de participação popular na gestão de políticas públicas de interesse do desenvolvimento dos municípios;
- Ampliação da oferta dos programas básicos de cidadania;
- Inclusão e integração produtiva das populações pobres e dos segmentos sociais mais vulneráveis, tais como trabalhadores rurais, quilombolas, indígenas e

populações tradicionais, calcado em um desenvolvimento que atenda às especificidades de cada um deles;

- Valorização da diversidade social, cultural, econômica, política, institucional e ambiental das regiões e das populações. (MARANHÃO, 2020)

O SEP é um método para EJAI (Educação de Jovens, Adultas e Idosas), concebido pelo IPLAC, com seu nome original “Yo, Sí Puedo”(YSP), e foco na alfabetização de pessoas que não conseguiram a escolarização na idade certa. A Secretaria de Educação, juntamente com a SEDIHPOP, fizeram uma parceria com o MST, para que este executasse o programa, que também se baseou na educação popular de Paulo Freire e nos círculos de cultura, onde aproxima-se da realidade local, trocando experiências e valores humanos.

Com o SEP, em dois anos foram alfabetizadas mais de 20 mil pessoas, focando em 8 municípios do Mais IDH. Esse processo dura 8 meses e atinge povos indígenas também, em uma perspectiva de desenvolver a educação do estado, que por consequência, potencializa outros aspectos sociais, como renda e longevidade, dentro de um caráter multidimensional.

A educação popular está atrelada à EJAI, pois atende um público diferenciado que carrega mais nasceres do Sol do que o público da escola regular. Isso constrói uma diversidade etária e de estórias contadas e histórias vivenciadas que está presente nas rodas de aprendizagem, nos círculos de cultura e nas salas de aula.

A construção de saberes e conhecimentos desenvolvidos pela educação popular é realizada de forma participativa, diagonalizada, buscando a conscientização das educandas-educadoras e educadoras-educandas, em uma tentativa de romper as estruturas hierárquicas e opressoras presentes em nossa sociedade. Incluindo a academia.

Não comete pecado contra a seriedade científica quem, recusando-se à estreiteza e ao sem-sabor das gramatiquices, jamais, porém, diz ou escreve um “tinha acabado-se” ou um “se você ver Pedro” ou um “houveram muitas pessoas na audiência” ou um “fazem muitos anos que voltei”. Não comete pecado contra a seriedade científica quem trata bem a palavra para não ferir o ouvido e o bom gosto de quem lê ou ouve o seu discurso e que, nem por isso, pode simplistamente ser acusado de “retórico” ou de ter caído na “fascinação de uma elegância lingüística como um fim em si mesma”. Quando não, acusado de ter sido vencido pela força do desgosto de um blabláblá inconseqüente. Ou apontado como “pretencioso”, “esnobe” e visto como ridiculamente pomposo na sua forma de escrever ou de falar. [...] Com relação à Pedagogia do Oprimido, houve críticas como as acima referidas e também ao que se considerou ininteligibilidade do texto. Críticas à linguagem tida como quase impossível de ser entendida e, de tal maneira rebuscada e elitista, que não podia esconder nela a minha “falta de respeito ao povo”. (FREIRE, Paulo. 1992, p.38)

Nesta perspectiva freireana podemos trazer aspectos de educações que visam a desopressão social, buscando a conscientização das educandas-educadoras, e das educadoras-educandas, onde os saberes são construídos cooperativamente entre as sujeitas partícipes da proposta. São práticas de uma educação não-formal e informal, que ascende fora de um olhar eurocêntrico, patriarcalista, racista, LGBTIQASfóbico, sexista, nas percepções mais dialógicas de conhecimentos e saberes.

Revisão de Literatura

Inicialmente gostaria de pontuar algumas escolhas. Uma delas é do uso de palavras no feminino, onde, usa-se palavras masculinas, dentro de uma sociedade machista e sexista. O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, em 2014 lançou o “Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende” (RIO GRANDE DO SUL, 2014), onde propõe uma escrita não machista, priorizando as escritas oficiais do governo estadual do RS.

Juliana POROLONICZAK (2019) com sua tese: *História e fundamentos do método de alfabetização cubano “yo, sí puedo”*, faz um estudo histórico do método cubano YSP muito interessante onde realiza este resgate cronológico mas embasando sua pesquisa na perspectiva da psicologia histórico-cultural, o que não será meu foco. Portanto essa tese apresentada nos auxiliará no quesito do aprofundamento maior sobre a história do método e a aproximação dele com o Brasil através do MST. Em seu capítulo dois ela traça os antecedentes históricos do YSP, incluindo as orientações metodológicas.

Trazer a história da Revolução Cubana através da educação, já foi feito pela Juliana Poroloniczak, onde faz um traçado desde ‘A Grande Campanha de Alfabetização de 1961’, com as cartilhas utilizadas e nominando os movimentos envolvidos. Depois descreve o surgimento do YSP, como continuidade dos outros programas do governo cubano, dialogando com uma das fundadoras Leonela Díaz.

Trazendo também a metodologia pensada pela equipe do IPLAC, que se embebeu de José Martí e Paulo Freire, detalhadamente apresentada na tese, incluindo imagens da cartilha e discussões a respeito da aplicabilidade do método e a práxis que este apresenta.

A importância do MST para o país e para o método está explícita no item 2.4 da página 90 onde ela discorre sobre o movimento e suas jornadas de alfabetização e a relação com a metodologia cubana. Apresentando um panorama interessante sobre as conquistas alcançadas

pelo MST, a nível nacional, redige seis páginas sobre a experiência no Maranhão. *No primeiro ano da campanha, em 2016, o programa alfabetizou 70% dos inscritos, aproximadamente 9.000 educandos em 8 municípios (POROLONICZAK, p.93, 2019).*

Na continuidade da pesquisa são apresentados documentos utilizados pelo MST dentro de suas Jornadas de Alfabetização, que se baseia no SEP, juntamente com os círculos de cultura freireano, de onde saem os temas geradores.

Podemos destacar que o MST, na construção da Jornada de Alfabetização, oferece continuidade ao método “Sim, eu posso!” com o Círculo de Cultura, no intuito de fortalecer e qualificar a condição de apropriação da leitura e escrita e a conscientização dos trabalhadores e trabalhadoras envolvidas na jornada. De acordo com o Caderno de Orientações Pedagógicas e Metodológicas para Educadores e Educadoras (2017), o trabalho pedagógico nesses círculos será organizado e orientado por temas geradores... (POROLONICZAK, p.95, 2019)

O outra tese encontrada foi da Jaira COELHO (2015), intitulada: Brasil Alfabetizado e Misión Robinson: Um estudo comparativo acerca das políticas de alfabetização no Brasil e na Venezuela - 2002-2013, onde realiza uma pesquisa comparativa entre dois programas de alfabetização nestes dois países da Abya Yala. Buscando evidenciar as mazelas do capitalismo, que produz a desigualdade social, o analfabetismo, a globalização, o neoliberalismo, a tese enfatiza a Misión Robinson que apoia-se no método cubano YSP, construindo as etapas e formações das facilitadoras e educandas. Do lado brasileiro, foca no Programa Brasil Alfabetizado e em seus resultados.

Assim, pretendemos demonstrar a tese de que os dois programas de governo, no Brasil e na Venezuela, para acabar com o analfabetismo absoluto, estão relacionados a um projeto de sociedade que enfrenta as contradições do atual momento do capitalismo, de globalização neoliberal. Assim sendo, estas políticas de alfabetização de jovens e adultos sem as devidas intermediações do movimento histórico vivido no país e consequente luta pelos direitos dos cidadãos, acabam fragilizadas e sendo reducionistas do ponto de vista dos seus objetivos. (COELHO, p. 18, 2015)

Os processos de políticas públicas em busca da erradicação do analfabetismo nestas nações, foram guiadas em uma perspectiva de enfrentamento ao processo do capital que se expande na Abya Yala e em outros lugares do Sul.

Jaira Coelho traça seu caminho do estudo comparado apontando a importância da dialética entre o nível global e local, ou seja, as intersecções das questões regionais que perpassam a trajetória de uma experiência, com a realidade mundial atravessada pelo capitalismo, que progride com sua mão invisível e seus tentáculos que se enraizam no

consumismo, na não preocupação ambiental e na desigualdade social, traduzindo em analfabetismo e fome.

Coelho discorre sobre os conceitos que configuram sobre a desigualdade social e o analfabetismo indo ao Fórum Mundial sobre Educação em Dakar no ano de 2000, na Conferência Mundial de Educação para Todos na Tailândia em 1990 e em outras diretrizes da UNESCO e do Objetivos de Desenvolvimento do Milênio para traçar este panorama globalizado sobre a educação.

Contextualiza a globalização, o analfabetismo em números e as respostas que os dois países desenvolvem para superar a realidade como as Missões Bolivarianas de 2003 da Venezuela que objetivam: inclusão e igualdade social; democracia social, popular e participativa; Estado social constituinte; novo modelo de desenvolvimento endógeno. São esses os pilares do pensamento bolivariano que constrói uma nação pensada para o povo e com o povo, achatando a pirâmide econômica social que no Brasil vai se alargando na base.

Coelho não esconde a crise que a Venezuela estava e nem as contradições encontradas nesta nação, mostrando com gráficos e notícias como se desenvolvia a crise que perdura ainda na contemporaneidade.

Em 2003 a Venezuela inicia sua *Misión Robinson* para a educação do país já utilizando o método YSP, que demonstrou uma potencialidade forte e galgou a erradicação do analfabetismo na nação já em 2005, se declarando território livre do analfabetismo.

Imbricada com a educação popular, a pesquisa aponta os caminhos que se inter cruzam pois descreve o método cubano aplicado na Venezuela, mostrando as interfaces que se constrói em uma nova população mais conscientizada e conscientizadora.

O método apresentado tem em seu conteúdo alguns princípios da educação libertadora, e evidencia que a cartilha, mais que um manual, estava destinada não somente à alfabetização dos adultos, mas trazia elementos para o desenvolvimento de uma consciência política. (COELHO, p.166, 2015)

Dentre as dissertações encontradas destaco 4 delas, com datas mais antigas que as teses, datando de 2009 (ALVARENGA) e 2011, três, (BOEMER), (FILHO) e (JOFRE).

Marcus ALVARENGA faz um estudo comparativo dos dois métodos de alfabetização: YSP e o método Paulo Freire, além de apresentar dados estatísticos sobre o analfabetismo em

AY e os métodos utilizados para desenvolver a alfabetização em vários países do território latino.

A discussão de Marcus apresenta uma discordância com a aplicabilidade do SEP no Brasil. Isso se deu no VIII ENEJA (Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos) em 2006, onde foi apresentado um documento contrário à disseminação do método cubano no país, já que temos o Paulo Freire.

A repercussão do método atingiu diversos outros municípios que manifestaram interesse na sua aplicação. Porém no segundo semestre de 2006 aconteceu o VIII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos, em Pernambuco, ocasião em que se discutiu entre outras coisas a viabilidade do método. De acordo com a moção de advertência publicada sobre os resultados alcançados por meio do método cubano, era inviável e desaconselhável a generalização de sua aplicação no país. Dentre as razões apontadas para essa resistência destacava-se o fato de o Brasil não apresentar um contexto revolucionário como o da Venezuela e da Bolívia acreditando como superada a proposta de uma “campanha” de alfabetização em massa. (ALVARENGA, p. 64, 2009)

E apresenta outras partes do documento que se diz contrário ao SEP.

d) O legado da educação libertadora de Paulo Freire e de outros educadores têm marcado as experiências educativas em instâncias governamentais e dos movimentos sociais na alfabetização de jovens e adultos. e) O contexto brasileiro atual e este legado apontam para o fortalecimento e a consolidação de metodologias criativas e adequadas à realidade dos(as) educandos(as), neste momento, e instigam problematizar e questionar a aplicação do método cubano Sim, eu posso! como método único na forma de “campanha”, uma vez que seus princípios político-pedagógicos se contrapõem ao legado brasileiro. (ALVARENGA, p. 64, 2009)

Esta discussão se mostra muito importante pois nos traz um conflito ideológico sobre as realidades distintas e sobre as diferentes diretrizes dos métodos. Também é mencionado que mesmo o Fórum EJA ser contra o SEP, o MST abraçou a ideia e implementou em seus territórios, mas adaptando o SEP com Paulo Freire.

Marcus realiza 4 entrevistas com pessoas que foram diretamente afetadas com os dois métodos, e relacionadas com a discussão. A professora Sônia Couto Feitosa, do Instituto Paulo Freire, que apresenta aspectos da moção feita no encontro. Depois o professor Adolfo Nuñez Fernandez, vice-cônsul de Cuba em São Paulo, elucidando aspectos positivos do SEP. Jerimário Pereira Chaves, foi um dos monitores do SEP no Maranhão em 2005 e coloca sua opinião. Mariana Ferreira Sales foi uma das supervisoras no Piauí, da aplicação do método SEP.

As outras dissertações de 2011 são relatos de experiências do método cubano no Brasil, sendo executado pelo MST, em três estados diferentes, Andréia Jofre em São Paulo, Ageu Filho no Ceará e Leyli Boemer em Santa Catarina.

Andréia Jofre (2011) inicia sua dissertação fazendo um apanhado histórico da EJA no Brasil e em São Paulo. No segundo capítulo traça o perfil da educação dentro no MST trazendo discussões sobre a Educação Popular freireana e o método cubano. Depois discorre sobre as interfaces da educação urbana e rural, dentro da experiência da Comuna da Terra Irmã Alberta, que se localiza em Perus, dentro do município de São Paulo.

Do sudeste para o nordeste, vamos diretamente para o Ceará, onde Ageu Filho (2011) nos demonstra como traçou o histórico da educação no MST, indo do movimento a nível nacional, até o MST do Ceará. Também traçando comparativos sobre a questão urbana, foca no Assentamento Unidos de Santa Bárbara que se localiza dentro do território municipal de Caucaia, este, pertencente à região metropolitana de Fortaleza.

No quarto capítulo apresenta o SEP, caracterizando o método através do olhar de Leonela Díaz e as discussões que se apresentaram nas parcerias de Cuba, MST e a prefeitura de Fortaleza. E no último capítulo discorre sobre a função da monitora-alfabetizadora para a construção do método e sua implementação no estado.

Boemer (2011) constrói uma narrativa a respeito da alfabetização que se consolidou no assentamento São José, no município de Campos Novos em SC. Realiza uma pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas com integrantes do movimento, discutindo o método cubano SEP e sua inserção no MST e no assentamento, dialogando com educandas e educadoras.

No primeiro capítulo é discutido a pedagogia marxista, o surgimento do conceito de letramento e a alfabetização até os dias atuais. No segundo constrói diálogo com a estrutura educacional do MST a nível nacional, a partir da educação do campo e o PRONERA. Aprofundando nos princípios políticos filosóficos e pedagógicos existentes dentro do movimento.

No capítulo três conversa sobre o SEP no estado de Santa Catarina, dentro do MST, traçando a trajetória do método desde Cuba, demonstrando sua estruturação metodológica e

seus objetivos políticos ideológicos e finaliza com a interlocução que se fez do SEP com o MST.

Aprofundando ainda mais, é finalizado no último capítulo, o quatro, onde apresenta especificamente a interlocução do método no assentamento São José, trazendo pontos de vista de educadoras e educandas entrevistadas pela pesquisadora.

Fundamentação Teórica

O campo teórico que me envolvo, e faz parte de mim, vem da Educação Popular.

En la búsqueda conceptual de la EP como concepción educacional, confluyen diversas contribuciones y corrientes teóricas. Está apoyada en una filosofía de la praxis educacional entendida como un proceso político-pedagógico centrado en el ser humano como sujeto histórico transformador, que se constituye socialmente en las relaciones con los otros seres humanos y con el mundo. Además se opone, critica la cultura de la dominación y promueve prácticas emancipadoras en las relaciones de poder en cualquier espacio. (PEÑA; SOARES, 2020, p.678)

A construção de saberes e conhecimentos desenvolvidos pela Educação Popular é realizada de forma participativa, diagonalizada, buscando a conscientização das educandas-educadoras e educadoras-educandas, em uma tentativa de romper as estruturas hierárquicas e opressoras presentes em nossa sociedade. Construindo assim uma sólida relação entre aprendiz e educadoras, mostrando que esses papéis eram confundidos entre os atores presentes. (BRANDÃO, 2006)

Nesta perspectiva freireana podemos trazer aspectos de educações que visam a desopressão social, buscando a conscientização das educandas-educadoras, e das educadoras-educandas, onde os saberes são construídos cooperativamente entre as sujeitas partícipes da proposta. São práticas de uma educação não-formal e informal, que ascende fora de um olhar eurocêntrico, patriarcalista, racista, LGBTIQASfóbico, sexista, nas percepções mais dialógicas de conhecimentos e saberes.

A necessidade de imersão para o território em que se deseja desenvolver alguma pesquisa é de extrema importância para alcançarmos uma produção dialógica. Para compreender estes territórios gosto de trabalhar com Milton Santos, que delimita o território da forma mais freireana que conheço.

O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas; o território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho; o lugar da

residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, Milton. 2007, p.14)

Essa identidade que está neste chão, não pode ser compreendida com um olhar apenas de pesquisadora, e sim com emoções compreensivas mas não piedosa, nem de vitimização do processo, temos que estar para integrando-se à luta, nos conscientizar. “Sua solução, pois, não está em ‘integrar-se’, em ‘incorporar-se’ a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se ‘seres para si’ (FREIRE, 2005, p.84)”.

A Educação Popular se entrelaça com a EJAI de forma intrínseca, pois acreditamos que as construções dessas práxis estão relacionadas também com o território que está inserido, e suas culturas e patrimônios.

A EJAI se torna um processo de construção de saberes, podendo ser informal ou formalizado e não formal, focado nas pessoas que não conseguiram estudar na idade certa, onde são desenvolvidas habilidades para fortalecer seus conhecimentos, e qualificações técnicas e profissionais, pensada a partir de uma sociedade multicultural, onde a práxis, teoria e prática, é reconhecida e aplicada. (UNESCO, 2004)

A Educação de Jovens e Adultos tem de partir, para sua configuração como um campo específico, da especificidade desses tempos de vida –juventude e vida adulta –e da especificidade dos sujeitos concretos que vivenciam esses tempos. Tem de partir das formas concretas de viver seus direitos e da maneira peculiar de viver seu direito à educação, ao conhecimento, à cultura, à memória, à identidade, à formação e ao desenvolvimento pleno (ARROYO, 2005, p.22).

O viver seus direitos deveria ser intrínseco à todas nós, o direito à cidade, à educação, à arte, ao bem viver e ao cuidado para com nossa Pachamama, que nos cuida, nos dá força, mas merece cuidado também. E para que esses direitos sejam de fato consumados, devemos, primeiro, questionar quais realidades queremos em transformação, para em seguida reflexionar quais melhores caminhos possíveis para que essas mudanças sejam de alta qualidade. (SOARES, 2001).

Além de Torres, Freire, Soares, Arroyo, Brandão, há uma boa base teórica sobre educação emancipatória, partido da educação popular, para EJAI, e educação informal, não formal e formal, temos uma dialogicidade em construção muito interessante a ser aprofundada, trazendo para a conversa também Haddad (2000), Di Pierro (2000), Vóvio, Jane Paiva (2006),

Beisiegel, Gadotti, Pontual, entre tantas outras personalidades que estão presentes nestas discussões e que estão construindo resistências insurgentes neste país.

Processos Metodológicos

A perspectiva metodológica que se transcorrerá será embasada pelos estudos decoloniais, em uma percepção de que a academia eurocêntrica sempre impôs seus conhecimentos para todas suas colônias e isso se perdura até hoje. Mas vemos interfaces diferenciadas para a realização de uma pesquisa.

A pesquisa em si sempre foi realizada com a Europa investigando suas colônias pelo “resto” do mundo, como podemos perceber nas descrições realizadas sobre os povos indígenas com a invasão portuguesa, colocando-os como bárbaros, animais, entre outros adjetivos.

A desconstrução da própria ação da pesquisa é de difícil compreensão pois não sabemos até que ponto os atravessamentos desta desconstrução também não está sendo colonial. Desenraizar esses fazeres e saberes são propostas que temos que estar desmontando cotidianamente, não só dentro da academia mas na vida social, no fazer cidadã, nas relações familiares e com a outra, seja ela quem for.

A contra-hegemonia está sendo feita mas ainda precisamos avançar em outros paradigmas que nos foram tomados.

A opção decolonial é concebida não apenas por um conceito ou por uma definição, mas principalmente, por ação e engajamento. Estes requerem desobediência para desafiar a colonialidade do conhecimento imposta há mais de cinco séculos pela modernidade eurocêntrica universalista, em detrimento da transmodernidade pluriversal. (ABDALLA e FARIA, 2015, p.8)

Nesta perspectiva traçaremos pontos sobre os caminhos e passos para o alcance do objetivos, compreendendo uma concepção da realidade e da pesquisa, já descrita, a partir da natureza da proposta colocada nestas páginas.

Aprofundaremos no Fazer Decolonial, uma metodologia 'outra' (ORTIZ, p. 176, 2018), que coloca as metodologias já trabalhadas na academia, a qualitativa e quantitativa como tendências e correntes colonizadoras, que promovem um processo de investigação colonizante.

Desde esta perspectiva, una metodología “otra” no se refiere a un conjunto de técnicas científicas o a un nuevo método universal que pretende ser la panacea o el camino verdadero que supera a todas las formas de investigar previamente existentes. La metodología “otra” es otra opción, tan válida como las existentes. Es una opción decolonial, que configura una nueva narrativa, un nuevo discurso, una nueva forma de pensar y de hacer ciencia, que se diferencia de -y es incompatible con- los métodos

cuantitativos y cualitativos configurados por los enfoques y paradigmas modernos. (ORTIZ, p.178, 2018)

ORTIZ segue desconstruindo outras formas de metodologia já estabelecidas dentro da academia.

Es lamentable que la investigación cualitativa pretenda asumir la denominación de científica, convirtiéndose en una metodología que busca el poder y la verdad, convirtiéndose así en una metodología colonizadora, que genera un conocimiento colonial, subalternizando otros saberes. La etnografía, la teoría fundada, la etnometodología, la observación, la entrevista, entre otras formas de hacer ciencia cualitativa, son métodos y técnicas colonizadoras. (ORTIZ, p.178, 2018)

Buscaremos transitar a partir deste local, na busca de um processo investigativo decolonizante, que a partir do “paradigma outro” de Mignolo (2000) enfrenta a hegemonia presente, com uma heterogeneidade no pensar o local, esta realidade. Interloquções irão causar atravessamentos que intercederão a pesquisa. *“El 'paradigma outro' reconoce la diferencia colonial que caracteriza la ontología de nuestro vivir cotidiano, es decir reconoce la diversidad como proceso emancipatorio de los pueblos, que permita la decolonialidad de las identidades fraccionadas. (ORTIZ, p.178, 2018).*

Primeiramente será necessário uma investigação mais aprofundada das pesquisas já realizadas sobre o método cubano “Yo, Sí Puedo”, a adaptação dele no Brasil com o “Sim Eu Posso”, as interrelações com o MST e com o Maranhão.

A pesquisa mais densa será sobre o governo Dino no Maranhão desde 2015, onde inicia-se seus projetos sociais. Um deles sendo o Plano Mais IDH, que contemplava, em sua primeira fase somente 8 municípios, em 2015. A segunda etapa, em 2017, eram 15 cidades e em 2018, 23 (MARANHÃO, 2020).

Trago a proposta de focar nos 8 municípios iniciais do projeto do governo, pois nos atentaremos para as conquistas que se sucederam desde 2015 até 2020. Sendo eles: Aldeias Altas, Água Doce do Maranhão, Governador Newton Bello, Jenipapo dos Vieiras, Itaipava do Grajaú, Santana do Maranhão, São João do Carú e São Raimundo do Doca Bezerra.

Esta escolha se deve a um maior tempo para perceber nuances das mudanças nas comunidades, observando as possíveis melhorias na educação destes municípios. Ou seja, quero observar se as perspectivas do SEP foram alcançadas e se com a alfabetização de jovens, adultas e idosas ocorreu transformações na educação escolarizada.

Para isso será necessário acesso à dados do governo do Maranhão que poderão ser obtidos no portal da transparência e em outros portais de informações sociais como IPEA e IBGE. Comparando e analisando índices como IDH, Ideb, entre outros dados sociais que são de suma importância para políticas públicas no Brasil.

Com isso terei elementos para uma aprofundamento nas análises realizadas, aguçando a percepção dos impactos dentro da política educacional destas cidades.

Se possível for, a depender do COVID e de aspectos econômicos, seria de enorme interesse realizar um trabalho de campo no Maranhão para poder averiguar esses impactos, podendo ser de interesse também a realização de entrevistas narrativas com educandas do SEP e educandas das escolas locais, em uma percepção que a voz das educandas será menos institucionalizada do que a voz das educadoras, sendo elas diretoras, professoras, entre outros cargos.

Esperancar Utópico

Com esta proposta de pesquisa consegui uma vaga no doutorado em educação da UERJ, na tentativa de reforçar a importância da EJAI, que quase sempre é relegada ou esquecida pelos poderes públicos. Além disso a intenção foi, através de um quase esgotamento da esperança, trazer à tona a ideia de que ainda é possível outras formas de políticas, mesmo que o governo federal queira o desmonte das instituições públicas.

Enaltecer essa e outras formas de se construir processos educativos no país, mesmo sabendo e vivendo o desmonte que está em curso das universidades públicas, em um caminho perverso de privatização da educação em todos os níveis. Também vivenciamos as privatizações de estatais, que sempre se direciona para o enriquecimento de poucos e a não distribuição do lucro para os programas de políticas públicas.

Dino ao assumir, além de movimentar a educação como proposto acima, teve, como um dos seus primeiros atos, que também era dito durante a campanha, a coragem de aumentar o salário das educadoras estaduais. Hoje sendo um dos maiores salários do país, nesta categoria.

A utopia comunista, está longe mesmo, mas poeiras e resquícios de sua presença ainda permeiam projetos, políticas, ações, resistências, lutas, insurgências, como a metodologia Yo Sí Puedo, como outros coletivos e movimentos que esperanças pela equidade social das classes minorizadas pelo capital.

Referências bibliográficas

ABDALLA, M; FARIA, M. **Em defesa da opção decolonial em administração: rumo à uma concepção de agenda.** In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 5, 2015, Florianópolis. Anais. Brasil, 2015.

ALVARENGA, Marcus Vinícius de Mattos. **Puedo ou não posso: Prós e contras do método cubano de alfabetização na América Latina e Brasil.** Dissertação de mestrado apresentado à Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2009.

https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/404/1/B_Marcus%20Vinicius%20de%20Mattos%20Alvarenga.pdf.

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública.** In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BOEMER, Leyli Abdala Pires. **O letramento no método “sim, eu posso” no contexto do MST em Santa Catarina: um estudo no assentamento São José, município de Campos Novos/SC.** Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/95466/294526.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?.** São Paulo: Brasiliense, 2006; COELHO Moraes, Jaira. **Brasil Alfabetizado e Misión Robinson: Um estudo comparativo acerca das políticas de alfabetização no Brasil e na Venezuela - 2002-2013.** Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117779/000968676.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

EDUCERE. **Misión Robinson - Yo sí puedo.** La Revista Venezolana de Educación (Educere), Mérida, v. 9, n. 28, p. 9-18, marzo 2005. Disponible en: <
http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-49102005000100003&lng=es&nrm=iso>. accedido en 11 agosto 2020.

FILHO, Ageu Quintino Mazilão. **O uso do método de alfabetização “sim, eu posso” pelo MST no Ceará: o papel do monitor da turma.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, da Universidade Federal de São João Del Rei, UFSJ. São João Del Rei, 2011.

<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20Ageu%20Quintino%20Mazilao%20Filho.pdf>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança - Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Ed. Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GARCÍA, Laura Domínguez; MAZZEU, Francisco José Carvalho; POROLONICZAK, Juliana Aparecida. **Contribuição para a análise do método cubano de alfabetização ‘Yo, Sí Puedo’ (Sim, Eu Posso) à luz da abordagem Histórico-cultural**. RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, n. esp. 4, p. 2517-2537, 2016.

IPEA. **Radar IDHM : evolução do IDHM e de seus índices componentes no período de 2012 a 2017**. – Brasília : IPEA : PNUD : FJP, 2019.

http://atlasbrasil.org.br/2013/data/rawData/Radar%20IDHM%20PNADC_2019_Book.pdf.

JOFRE, Andréia. **A importância da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): O exemplo da Comuna Irmã Alberta, São Paulo-SP**. Dissertação (mestrado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Geografia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. São Paulo, 2011.

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/12297/1/Andreia%20Jofre.pdf>.

LINHARES, Célia; LEITE, Maria de Jesus Gaspar. **Alfabetização Educadora de Jovens, Adultos e Idosos Maranhenses**. Instituto Paulo Freire, 2009.

http://projetos.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/720/3/FIPF_2007_EA_03_002.pdf.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; FILHO, Ageu Mazilhão. **Práticas de alfabetização com o método Yo, sí puedo em assentamento do MST**. Educação (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 3, p. 352-362, set./dez. 2013.

MARANHÃO, Governo do Estado do. **O que é o Programa Escola Digna?**. Portal do Governo do Estado do Maranhão, 2017. Disponível em:

<<https://www.educacao.ma.gov.br/escola-digna/o-que-e-o-programa-escola-digna/>>. Acesso em: 10 de agosto de 2020.

MARANHÃO, Governo do Estado do. **Programa Mais IDH: Histórico**. Disponível em:

<<http://www.maisidh.ma.gov.br/o-plano/contextualizacao/>>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

MARANHÃO, Governo do Estado do. **Secretarias adjuntas**. Disponível em:

<<https://sedihpop.ma.gov.br/secretarias-adjuntas/>>. Acesso em 10 de agosto de 2020;

MIGNOLO, W. **Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2000.

MIGNOLO, W. Retos decoloniales, hoy, In: BORSANI, M; QUINTERO, P. (Comps.) **Los desafíos decoloniales de nuestros días: pensar en colectivo**. Neuquén: EDUCO.

Universidad Nacional del Comahue, 2014.

ORTIZ OCAÑA, Alexander; ARIAS LÓPEZ, María Isabel; y PEDROZO CONEDO, Zaira. **Metodología ‘otra’ en lá investigación social, humana y educativa. El hacer decolonial como proceso decolonizante.** Revista FAIA, 7 (30), 172-200, 2018. Disponível em: <<http://editorialabiertaia.com/pifilojs/index.php/FAIA/article/viewFile/146/161>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

POROLONICZAK, Juliana Aparecida. **História e fundamentos do método de alfabetização cubano “yo, sí puedo”.** Doutorado (tese). 2019. 146 f. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" UNESP, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), Araraquara, 2019.
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190921/poroloniczak_ja_dr_arafcl.pdf?sequence=7&isAllowed=y.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Abya Yala.** Enciclopédia Latinoamericana. Boitempo. São Paulo/SP. Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>>. Acesso em: 12 de agosto de 2020;

QUIJANO, A. **Colonialidad y modernidad/racionalidade**, in: Perú Indígena, Lima, vol. 13, n. 29, 1992.

RINCONES, Orland. **Las comisiones locales de alfabetización y postalfabetización como espacio de participación de la comunidad en la dirección del hecho educativo.** Rev. de Inv. Educ., La paz , v. 4, n. 2, p. 145-163, 2011 . Disponible en: <http://www.scielo.org/bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1997-40432011000200007&lng=es&nrm=iso>. Accedido en 11 agosto 2020.

RIO GRANDE DO SUL, Governo do Estado do; Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres. Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende. 2014.

SAMPAIO, Cristiane. **BRASIL DE FATO: Método cubano já alfabetizou 3,5 milhões de pessoas na América Latina e na África.** 7 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/especiais/metodo-cubano-ja-alfabetizou-35-milhoes-de-pessoas-na-america-latina-e-na-africa>>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

SAMPAIO, Cristiane. **BRASIL DE FATO: Eu vivia na escuridão", diz agricultora que aprendeu a ler com método cubano Implantado no Brasil pelo MST, projeto é apoiado pelo governo do Maranhão e já alfabetizou mais de 7 mil no estado.** Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/especiais/eu-vivia-na-escuridao-diz-agricultora-que-aprendeu-a-ler-com-metodo-cubano>>. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

SANTOS, Milton. BECKER, Bertha K. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, 2007.

SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. **Alfabetização: método “yo, sí puedo”: Entrevista realizada com a educadora Leonela Inés Relys Diaz.** Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista v. 5, n. 6 p. 81-88 jan./jun. 2009.
<http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/589/483>.

TIEPOLO, Elisiani Vitória. **Paulo Freire e a alfabetização de jovens e adultos no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. Revista Brasileira de Educação do Campo. RBEC, Tocantinópolis (TO), v. 4, 2019.

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/5676/14937>.

TORRES, Carlos Alberto. **Grandezas y miserias de la educación latinoamericana del siglo veinte**. In: TORRES, Carlos Alberto (Coord.). Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI. Argentina: CLACSO, 2002;